

RESENHA DE OBRA

LEVY, Tatiana Salem. *Dois rios*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Tatiana Malheiros¹

trosa1507@gmail.com

A *Chave da Casa* proporcionou o ingresso de Tatiana Salem Levy no conjunto dos grandes escritores brasileiros da prosa contemporânea. *Dois Rios* representa a visível maturidade dessa jovem em sua ousada viagem pela vida de uma família a nascer do encontro de Jorge com Aparecida na localidade de Dois Rios, Ilha Grande município do Estado do Rio de Janeiro, na década de 1970, auge da ditadura militar brasileira.

O romance é alinear e protagonizado pelos gêmeos Joana e Antônio, filhos de Jorge e de Aparecida. O nascer e a morte dos irmãos são similares. Os traumas tatuados na pele idênticos e a personagem responsável por gerar amor e dor nas duas almas, assim como em *Dois Rios*, é Marie-Angie, uma francesa a reunir os destinos que o útero materno conciliou e que a morte precoce de Jorge cindiu.

A família de Aparecida é natural de Dois Rios e Jorge conheceu sua futura esposa em uma das visitas com a mãe ao presídio de Ilha Grande onde o irmão, preso político, encontrava-se detido. Por um não acaso, os pais de Aparecida eram policiais do regime e, obviamente, desaprovavam a aproximação, assim como, os amigos de Jorge, um rapaz menos revolucionário do que o irmão, porém, esquerdista e futuro médico de sucesso; ademais, proveniente de uma tradicional família da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Joana e Antônio passaram as férias de verão em Dois Rios até os doze anos e suas histórias são permeadas pelas vivências com o mar e os dois rios que nele desaguavam. Eram dias e noites de banhos de sol, de lua e de estrelas. Os irmãos eram inseparáveis, o dito em relação à vida de gêmeos com eles era comprovado. O sentido por um era o mesmo sentido pelo outro. Juraram que, jamais, se separariam. Do mesmo

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Professora de Geografia da Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro. Escritora e Poetisa.

modo como nasceram juntos, permaneceriam assim até o fim inevitável, mesmo, a saber, ser algo distante para crianças como eles.

A última estada em férias na Ilha Grande foi decisiva. A morte do pai, Jorge, anunciara esse derradeiro momento. A cravada no peito de ambos tornou-se eterna. Antônio culpou Joana pelo acontecido. Joana trancou-se com a mãe, Aparecida, em casa, em Copacabana, por décadas. Aparecida em seu mundo muito particular não superaria a perda e seus transtornos obsessivos compulsivos intensificaram-se. Joana permaneceu, Antônio lançou-se ao mundo.

A família vivia de herança, Joana era professora de Português e para distrair sua solidão trabalhava com aulas particulares e entre uma tarefa e outra permanecia nas areias da praia de Copacabana. Em um desses momentos à beira mar avistou Marie-Angie, uma mulher singular; francesa, andar leve, roupas soltas, uma cicatriz proeminente no pescoço e os lábios, ligeiramente, tortos ao fumar. Joana, jamais, pudera imaginar estar apaixonada por uma igual. Não haveria explicações e caso existisse não queria saber,urgia viver após treze anos de reclusão e sentia que Marie-Ange lhe devolveria o perdido.

Suas vidas se cruzaram como dois rios. Marie-Ange restituía o ar a faltar em Joana, riam as mesmas risadas, nadavam no mesmo mar. Decidiram viajar e Joana retornou ao lugar de onde aparentava nunca sair, Dois Rios, agora um vilarejo abandonado devido à desativação do presídio motivada pela frágil e neonata democracia brasileira. A casa dos avós que mudaram para o Espírito Santo permanecera, entretanto, os anos de abandono denunciavam o implacável passar do tempo. Dois Rios não era mais o mesmo, Joana também não.

Do mar de Ilha Grande Joana surpreendeu a todos e a si com um passo, ainda, maior, partiu para o mar de outra ilha, dessa vez, na França e, novamente, quem lhe permitiu voar foi a indispensável companhia da moça de boca torta e sorriso enigmático, aquela a carregar no peito o coração transplantado de um menino de quatorze anos. Suspeitava Joana ser esse o motivo a torná-la deveras jovial e insaciável no viver. A ilha de Nonza presenciou os dias mais felizes vividos por essas jovens; novamente, banhos de sol, de lua e de estrelas como na saudosa infância em Dois Rios. E na ilha que em nada era grande outro fim se aproximava. Em um dia por nascer, Marie-Angie partiu com o barco de pesca do pai e não voltou como costumava fazer, diariamente.

Antônio, sentado no metrô de Paris, avistou uma mulher singular; francesa, andar leve, roupas soltas, uma cicatriz proeminente no pescoço e os lábios, ligeiramente,

tortos ao fumar, era Marie-Angie. Ele jovem, aproximadamente, vinte e dois anos de idade e há poucos havia saído com uma câmera fotográfica nas mãos para imagear o mundo, deixara mãe e irmã em companhia de dores que também eram suas, entretanto, preferira fingir a autenticidade desses sentimentos. Amara Marie-Angie ao primeiro olhar.

A acompanhou até o edifício à sua revelia e a insistência foi tamanha que saíram dali, diretamente, para uma viagem que a princípio seria para o Brasil e, somente, não a fora porque Batistine, avó da moça, passara mal. Seguiram para Nonza, um vilarejo de cinquenta e um habitantes delineado nos rochedos de uma pequena ilha ao sul da França, seu pai Vincent, era o único pescador do lugar e, diariamente, seguia o mesmo ritual; jogava a rede ao final da tarde e retornava ao início, ainda, negro, da manhã. Marie-Ange cresceu a fazer esse movimento, e sempre que retornava, a rotina seria a habitual.

Falara para ela de sua paixão, dizia amá-la e o sentimento era inédito. Tudo muito perfeito haveria um término, pensava. Nos poucos momentos em que pensava porque Marie-Ange o embriagava sorver desse líquido, jamais, pararia. A ilha de Nonza presenciou os dias mais felizes vividos por esses jovens; novamente, banhos de sol, de lua e de estrelas como na saudosa infância em Dois Rios. E na ilha que em nada era grande outro fim se aproximava. Em um dia por nascer, Marie-Angie partiu com o barco de pesca do pai e não voltou como costumava fazer, diariamente. As palavras se repetem, exatamente, porque os acontecimentos foram similares.

Agora Antônio era um homem em dúvidas, suas certezas, vividas em três semanas intensas de amor, navegavam em mares bravios. Irmãos gêmeos nasceram no mesmo ventre e morreram em idênticos braços. Almas dilaceradas pelo amor a um único ser, a aparentar nesse momento uma enigmática indiferença aos acontecimentos. Antônio passa dias lentos sem conseguir partir, o único partido é o seu coração.

Pergunta-se onde, porque, quando, se, ela voltará, advérbios em profusão. Pensa em esperar, repete xingamentos em desespero. Para a vida não há prévias, não há ensaios, não há treinos. Treino é jogo e a covardia deverá ser artigo em extinção. Marie-Ange navegou, livremente, por fronteiras desconhecidas, as ultrapassou e permitiu que Joana e Antônio a seguissem em sua companhia, na mesma direção.

Aproximou Dois Rios em Ilha Grande de Nonza na França, o Atlântico era ínfimo para suportar sua ânsia e desejo de sobrevida. Reuniu passado e presente, infância e juventude, Joana e Antônio, início e término. Caso, realmente, o término

exista. Dois Rios é de um lirismo ímpar, surpreendente da primeira a última página. Esse desabafo é, somente, uma tentativa de ecoar mais intensamente as vozes sortidas.